



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

FRANCIMAR FERREIRA DA SILVA

**IMAGINÁRIO E REALISMO FANTÁSTICO EM SAINT'EXUPÉRY:
ASPECTOS DE VALORES EXISTÊNCIAIS E HUMANIZAÇÃO NA OBRA O
*PEQUENO PRÍNCIPE.***

Catolé do Rocha – PB

2017

FRANCIMAR FERREIRA DA SILVA

**IMAGINÁRIO E REALISMO FANTÁSTICO EM SAINT'EXUPÉRY:
ASPECTOS DE VALORES EXISTÊNCIAIS E HUMANIZAÇÃO NA OBRA O
*PEQUENO PRÍNCIPE.***

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual como um dos requisitos para a obtenção do título de graduada em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes.

Catolé do Rocha – PB

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586i Silva, Francimar Ferreira da.
[manuscrito] : / Francimar Ferreira da Silva. - 2017.
31 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Maria Fernandes de Andrade Praxedes, Coordenação do Curso de Letras - CCHA."

1. Fantástico. 2. Realismo. 3. Aspectos sociais. 4. Humanização. 5. Literatura.

21. ed. CDD 869.9

FRANCIMAR FERREIRA DA SILVA

**IMAGINÁRIO E REALISMO FANTÁSTICO EM SAINT'EXUPÉRY:
ASPECTOS DE VALORES EXISTÊNCIAIS E HUMANIZAÇÃO NA OBRA O
PEQUENO PRÍNCIPE.**

Aprovado em: 14/12/2017

BANCA EXAMINADORA

Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes. UEPB
(Orientadora)

Jairo Bezerra Silva

Prof. Dr. Jairo Bezerra Silva. UEPB
(Examinador)

Vaneide Lima Silva

Profa. Dra. Vaneide Lima Silva. UEPB
(examinadora)

A minha avó paterna, Dona Maria Josina (In memoriam) com quem convivi os melhores anos de minha vida. Pelo o amor, carinho e cuidado que sempre teve comigo. Por tudo que ela me ensinou, mesmo na sua humildade, me transmitiu valores de honestidade, respeito e simplicidade. Pela persistência e incentivo para que seguisse na graduação. Por tudo que ela representa na minha vida, dedico lhe todos os meus sonhos e conquistas que sucederem em toda minha existência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, razão de minha existência, por ser essa força divina e real, que me fortalece, orienta e conduz no caminho do bem. A ele rendo graças por todas as bênçãos, por tudo que sou e que tenho conquistado. Agradeço a virgem Maria santíssima, a quem sempre recorri nas horas de necessidade, pela fé acredito na sua intercessão. Sei que ela esteve ao meu lado, durante toda minha trajetória acadêmica.

A minha mãe Lúcia, pelo o incentivo, apoio, dedicação e cuidados. Obrigado pelos os ensinamentos e pela a educação que me destes, por me compreender e me amar de forma incondicional. Aos meus irmãos por estarem ao meu lado em todos os momentos.

As minhas colegas de faculdade, que se tornaram amigas que levarei por toda minha vida, a elas agradeço toda ajuda, motivações, por falarem a verdade na hora oportuna. Obrigado pelo aprendizado, pelas partilhas e conhecimentos que construímos durante todos esses anos. Aos meus amigos e pessoas especiais que estiveram ao meu lado, me apoiando em todas as horas.

Obrigado a minha orientadora, Professora Maria Fernandes, pelas contribuições, pela compreensão e empenho que demonstrou durante a produção deste trabalho. A todos os professores e funcionários do departamento de Letras por fazerem parte da minha formação. Muito obrigado, a todos.

IMAGINÁRIO E REALISMO FANTÁSTICO EM SAINT'EXUPÉRY: ASPECTOS DE VALORES EXISTENCIAIS E HUMANIZAÇÃO NA OBRA O *PEQUENO PRÍNCIPE*.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir alguns aspectos sociais na obra *O Pequeno Príncipe*, do escritor francês Antonie de Saint-Exupéry, atentando para as questões de valores existenciais e de humanização a partir da dicotomia fantasia e realidade. A metodologia utilizada para a construção deste estudo foi a pesquisa bibliográfica e descritiva, com caráter qualitativo e analítico. A proposta é a literatura como instrumento de vinculação do pensamento humano e dos enquadramentos sociais a partir do imaginário e do realismo fantástico presentes no referido romance. Para isto, nos fundamentamos nas concepções de Candido (2007), Todorov (2007), Eliade (2007) dentre outros. O resultado final da pesquisa aponta para um universo de questionamentos sobre a própria existência humana e os conflitos das relações interpessoais vivenciados pelos personagens, metaforizados por uma linguagem subjetiva, criativa e reveladora de sonhos, fantasias e realismo.

Palavras chaves: Fantástico. Realismo. Aspectos sociais. Humanização.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	O PEQUENO PRINCIPE: AUTORIA, CONTEXTO E INTENÇÕES	8
3	A FIGURAÇÃO DO FANTÁSTICO E O VIÉS SOCIAL EM O PEQUENO PRINCIPE	13
	3.1 Um breve traçado do enredo de <i>O Pequeno Príncipe</i>	14
	3.2 O fantástico mundo “real” de <i>O Pequeno Príncipe</i>	17
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
	REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

A partir do entendimento de que há uma expressiva conexão entre a literatura e as questões sócias, tais como valores existenciais e humanização, o romance *O Pequeno Príncipe* permite-nos estabelecer um diálogo entre o estético e o externo, de forma mais específica a partir dos elementos que constituem o núcleo da narrativa como, por exemplo, os personagens, a linguagem e os espaços surreais. Posto isto, a leitura permitiu uma proximidade com o universo fantástico da obra, estrategicamente pensada a partir do imaginário e da subjetividade do foco narrativo em que os movimentos dos personagens conduzem o leitor a vivenciar uma história de quimera e, ao mesmo tempo, de experiências humanas reais.

Considerando a percepção dos aspectos sociais que correspondem aos valores éticos, morais e humanos – preconizados durante a formação enquanto sujeitos sociais, consideramos relevantes à discussão que gira em torno dos enquadramentos sociais em que o autor, no ato da criação, colhe as experiências do contexto social e transforma em arte para revelar, muitas vezes, uma realidade velada por uma linguagem criativa, repleta de subjetividade, ou seja, volumosa de possibilidades de leitura. Neste sentido, as questões sociais e de valores existenciais em *O Pequeno Príncipe* direcionam para a compreensão de que o imaginário, como representação desses valores, compõe a estrutura do gênero, posto que a narrativa desenvolve-se a partir de muitos questionamentos sobre a condição humana e as formas de como o homem estabelece suas relações com o outro e com o universo das coisas através de um discurso alegórico e fantasioso.

Esses postulados fundamentam-se a partir das possíveis reações, reflexões e questionamentos causados no leitor, seja pela realização de uma leitura reflexiva, ou pela visão de uma postura crítica. Para isso, são apresentados, no decorrer desta pesquisa, hipóteses e possíveis comprovações que possibilitam um diálogo com os aportes teóricos que pautaram as discussões e propositivas, acerca de um tema que aciona uma série de outras questões para legitimar alguns aspectos pelos quais os personagens estão revestidos para denunciar ou criticar a nossa dificuldade em lidar com as nossos medos, perdas, sonhos e realidades. Por isso, a fabulação do enredo chama atenção porque, embora não dê uma explicação plausível ao leitor, caminha

para uma denúncia social, sobretudo num espaço histórico de limitações e segregação do pensamento crítico.

Assim, entendemos que em *O Pequeno Príncipe* há questões que perpassam a fantasia e a criatividade do autor ao construir personagens *sui generis*, mas questionadoras e inquietas com a realidade e dispostos a transformá-la, ou seja, sair do lugar-comum e despertar no outro, sobretudo no leitor, um movimento de inquietude e de mudanças, já que a narrativa convida o leitor a pensar e agir como os personagens dentro de seus espaços subjetivos e engenhosos, mas produtivos e carregados de significados.

Destarte, ao final desta pesquisa foi possível perceber o quanto a literatura dialoga com as experiências humanas, e como essas realidades se confabulam para denunciar e criticar uma sociedade na qual os sujeitos, muitas vezes, não se harmonizam, e em função disso acabam produzindo um conjunto de conflitos internos e externos. Assim, esperamos que este trabalho possa provocar outros leitores no sentido de ampliar essas discussões, ou apontar, de algum modo, outras questões que deixamos de perceber, mas que são relevantes para legitimar o tema em análise.

2 O PEQUENO PRÍNCIPE: AUTORIA, CONTEXTO E INTENÇÕES

As experiências humanas são frutos das relações com o outro, dos embates diários da vida, das perdas, realizações e buscas constantes para SER e ESTAR no mundo. Essa ação é resultado de um processo consignado da vivência e necessidade humana, pois desde o início da história da humanidade o homem registra fatos e acontecimentos vividos ao longo de sua existência, expondo e fixando no tempo sua própria história. Esses registros foram homologados a partir da experiência do homem Pré-histórico, com suas técnicas de pinturas, feitas em paredes rochosas e, posteriormente, estendeu-se às expressões mais modernas de escrita e de outros registros que se tem conhecimento na atualidade.

Na arte, o homem imagina, cria, relata e registra seu pensamento utilizando-se da escrita; sua invenção traduz muito a realidade e as experiências humanas, e como isso o alto teor de sua inteligência ficcional estabelece conexões com o mundo fora do texto. O pensamento da genialidade se dá nas mais variadas manifestações

artísticas, como: música, teatro, cinema, literatura, pintura, entre outras. No que tange a literatura, sabe-se que toda criação literária é reflexionada dentro de um determinado contexto, o que pode influenciar a expressão do pensamento do autor e revelar fatos e acontecimentos de uma época específica, contudo, sem engavetar e estagnar os aspectos estéticos da obra literária.

O *Pequeno Príncipe* (1943), objeto de estudo dessa pesquisa, escrito pelo Francês Antonie de Saint-Exupéry, um ano antes de sua morte, está inserida no contexto da segunda Guerra Mundial, um dos maiores conflitos da história da humanidade; em decorrência dessa conflagração histórica, milhões de pessoas perderam a vida, e o mundo parecia não ter mais solução. Saint-Exupéry, exilado nos Estados Unidos, faz uso de uma linguagem simbólica, carregada de metáforas e sensibilidade para dar voz à fantasia e inventividade da criança, tecer uma crítica ao existencialismo e, sobretudo, às mudanças de valores arraigadas pelo individualismo.

Dito isto, vale situar o autor Saint-Exupéry dentro de seu contexto de vida e de relações sociais. Cristão e afetuoso com a família, com traços e pensamento que se contrapõem e burguesia, o autor de histórias fantasiosas, amava o seu país onde exercia a profissão de aviador, prestando serviços à guerra, e não se calou diante da catástrofe humana, por isso, sua obra carrega fortes indícios de seu posicionamento crítico contra o mundo frívolo dos adultos, e a valorização das coisas materiais em detrimento ao comportamento espiritual e humanitário. Desta forma, percebe-se uma denúncia ao poder e a repressão Nazista e, conseqüentemente, uma tentativa de provocar uma reflexão sobre os valores importantes à vida.

Segundo os dados sobre o autor, afirmamos que, apesar de ter assumido oficialmente a profissão de aviador, Saint-Exupéry escreveu muitos artigos para jornais e revistas, tanto na França quanto em outros países, abordando, principalmente a aviação, sobretudo no contexto da guerra civil, na França, no período da ocupação alemã. Entretanto, é importante destacar que nenhuma de suas criações teve tão grande repercussão quanto à obra: *The Little Prince*, traduzida para o português como: *O Pequeno Príncipe*. Os registros dão conta de que o referido romance foi traduzido em muitos outros idiomas do mundo inteiro, o que legitima a qualidade e a categoria de Clássico Universal, tanto pela sua linguagem simples, delicada e fruição do imaginário, quanto pela ilustração de desenhos; elementos instigantes para o público infantil. Contudo, não se pode negar

que o caráter filosófico e poético da obra chama atenção também do público adulto, uma vez que suscita reflexões, que podem proporcionar ao leitor meditações sobre a vida.

Com relação à qualidade das obras de Saint-Exupéry, Bosi (1985, p.439) destaca que a partir da literatura Modernista de 30 “há um retorno das consciências religiosas às suas fontes pré e anti-burguesas. Escritores cristãos como Berbanos, Saint-Exupéry [...] nortearam a criação das personagens por uma linha de conflito entre o ‘mundo’ e a graça divina”. Com essa afirmação, inferimos que Saint-Exupéry aborda uma perspectiva que envolve a relação do “eu” com o mundo, no que se refere às questões de valores sociais, éticos e morais, quando provoca uma reflexão do eu em relação ao outro.

A partir dos postulados aqui disposto sobre o autor e a obra *O Pequeno Príncipe*, vale salientar o caráter autobiográfico do romance, sem, contudo, limitar a obra ao seu criador, mas destacar como se estabelecem essas relações, considerando os elementos fantásticos que estão no cerne da invenção de Saint-Exupéry, para o efeito de suas qualidades artísticas; recursos que legitimam o mundo fantástico das pessoas e dos animais.

O personagem narrador conta a sua surpreendente história de pintor, quando tenta desenhar a jiboia que havia engolido um elefante. Nesse interim, ninguém compreende a arte da pintura, exceto o pequeno príncipe, o que o deixa frustrado com a profissão e, decepcionado, torna-se aviador, embora nunca tenha perdido o amor e dedicação pelos desenhos. É possível perceber as experiências de vida do autor postas na sua criação, revelando que a realidade e a ficção se cruzam no interstício da obra para traduzir pensamentos e verdades sobre a condição humana, seus dramas e dificuldades em lidar com um mundo em desordem. Por essa razão, *O Pequeno Príncipe* é uma daquelas obras que se mantém viva e atual para o público leitor ao longo tempo. Vale ressaltar, também, outras importantes obras de Saint-Exupéry: *O Aviador* (1926), *Voou Noturno* (1931), *Terra dos Homens* (1939) e, mais tarde, o grande sucesso: *O Pequeno Príncipe* (1943), sendo esta sua última obra, visto que no ano seguinte sofreu um acidente de avião durante uma missão na França, deixando um pouco de si enquanto escritor e apaixonado por aviação.

A crítica acerca da obra *O Pequeno Príncipe*, principalmente no Brasil, evidencia os mais variados temas, mas merecem destaques as temáticas sobre o comportamento humano, as expressões de sentimentos, valores e críticas sociais, e

a partir destas proposições o romance ganha relevo enquanto ficção, ao passo que a realidade norteia o indivíduo como o grande responsável pela sua existência no mundo, bem como o modo de se relacionar com o outro.

É fato que, de algum modo, ainda há certo preconceito com relação às obras direcionadas ao público infantil, considerada, muitas vezes, pelos adultos, como uma literatura menor, sobretudo quando se trata de fantasia. Seguir por esta linha de pensamento nos leva a um gueto literário – conceitos e classificações da qualidade literária - o que possivelmente pode acabar por marginalizar a arte da criação, uma vez que, muitos atestam ser, por exemplo, *O Pequeno Príncipe* uma narrativa ingênua, destinada ao mundo de fantasia da criança, categorizada, às vezes, como um livro de autoajuda.

Entretanto, não nos concerne limitar a obra apenas como um livro que viabilize refletir sobre a vida, é imprescindível destacar seu caráter ficcional e os elementos que compõem a criação artística, o que eleva à obra a categoria literária, e não menos importante, reconhecer a fundamental importância de suas funções sociais. A narrativa *O Pequeno Príncipe* não perde em nada comparada à qualidade da criação artística de qualquer outra obra canônica, pois além de questões de ordem sociais, ela trabalha com a linguagem e sua gênese da inventividade dá um toque sublime à obra, cuja fantasia emerge para descortinar uma realidade disfarçada.

As nuances do romance revelam as diversas faces da sociedade da época, o desalento e a dor do contexto de guerra afloram para um mundo de fantasias e sonhos, povoado por crianças e animais, aonde mais tarde chegariam as "pessoas grandes" como dizia o pequeno príncipe, considerando as condições do contexto em que a obra foi produzida. É importante levar em consideração a possibilidade de a obra ter sido escrita com caráter de fábula, no intuito de driblar a censura, uma vez que a narrativa apresenta um alto teor de denúncia social acerca da alienação e submissão dentro de sistema político opressor no limiar da Segunda Guerra Mundial.

Deste modo, podemos compreender a presença constante de metáforas, utilizadas como possíveis estratégias para expor essa denúncia, porém, seu caráter fabuloso, cujos personagens se configuram entre crianças, animais, objetos e rosas, correspondem às simbologias e significados do enredo, por meio da beleza e fruição da imaginação que nos permite sonhar pelo imaginário e o faz-de-conta.

A história, aparentemente ingênua e comovente, de *O Pequeno Príncipe* pode contemplar, também, o público adulto, tendo em vista o seu alto poder atrativo de despertar questionamentos, quer sejam pela percepção da crítica social veiculada no romance, ou pelas lembranças e quimeras, por vezes esquecidas, que são identificadas nas aventuras do pequeno príncipe, na sua ingenuidade de ver o mundo, ou ainda nos sonhos adormecidos e quase imperceptíveis por causa da velocidade da sociedade contemporânea e a pressa do dia a dia do “mundo das pessoas grandes”, fantasias que se desvelam em um reencontro do “eu adulto” com o “eu menino.”.

O personagem protagonista que dá vida ao pequeno príncipe, e que não havia tido contato com nenhum ser humano, pois o mesmo vinha do asteroide 325, chamado de B612, demonstra uma imensa surpresa ao conhecer algumas "pessoas grandes", o modo como elas se comportavam, se relacionavam, suas condutas e convivências completamente incoerentes, segundo a compreensão do pequeno príncipe. Tal estranhamento imprime uma crítica da condição da existência humana na sociedade de consumo, poder e controle.

Deste modo, é evidente uma espécie de dialeto que transcorre por toda a narrativa, o que nos conduz a um questionamento; o romance é destinado às crianças ou aos adultos? Entendemos que para ambos, de certo, pode provocar uma série de reflexões e dialogar com a realidade vivenciada pelo homem nos mais diversos contextos sociais, principalmente dentro de um cenário de guerra e de profundos questionamentos existenciais. Podemos, assim, inferir que *O Pequeno Príncipe* desperta o prazer da leitura, tanto nas crianças quanto nos adultos, e possibilita uma entrega ao maravilhoso mundo da imaginação, das aventuras fantásticas de um principzinho, cuja criatividade é capaz de liberar as mais incríveis sensações de alegrias, curiosidades e, naturalmente, um conhecimento sobre o mundo e a vida.

Apesar de ser uma obra de origem francesa, traduzida para diversos idiomas, *O Pequeno Príncipe* conquistou também no Brasil o seu público, é difícil encontrar alguém que nunca tenha ouvido falar em algo que remetesse a essa narrativa, quer seja uma frase, um símbolo, desenhos animados, ou exclusivamente pelas críticas que lhe são atribuídas, o fato é que esta obra fez e continua fazendo parte da infância e da vida adulta de muitas pessoas que ainda hoje leem e debruçam-se

sobre o fantástico mundo do menino, seu desenho incompreendido pelos adultos, e o seu jeito diferente de ver o mundo e as pessoas.

3 A FIGURAÇÃO DO FANTÁSTICO E O VIÉS SOCIAL EM O PEQUENO PRÍNCIPE

As questões sociais que figuram na literatura, muitas vezes, são expostas de forma alegórica, seja para denunciar ou criticar; essa representação simbólica exige do leitor uma maior atenção para compreender o que está posto por trás das ações quiméricas das personagens de uma narrativa. Em *O Pequeno Príncipe* (1943), os espaços e a atuação das personagens apontam para uma estratégia que busca evidenciar um mundo de inventividade, brincadeiras, sonhos e fantasias e, ao mesmo tempo, uma realidade sobre as relações humanas, sobretudo, as dificuldades que o homem tem em lidar com as perdas e seus conflitos externos.

A criatividade da narrativa de Saint-Exupéry ganha contorno quando um garoto, de voz calma e suave, surge no meio do deserto há milhares de quilômetros de qualquer terra habitada, e faz um pedido que, aparentemente, não tem qualquer sentido, mas, com o desenrolar da história, emerge como elemento expressivo que conduz o leitor à compreensão do conflito interno do personagem, "por favor, desenha-me um carneiro". (SAINT-EXUPÉRY, 1943 p.10). A priori, o imaginário do leitor é acionado para o mundo da realidade das "pessoas grandes", cujas experiências aludem às frustrações, temor e à incapacidade de encontrar saída para os dramas pessoais e interpessoais.

De espaços fantasiosos, seres estranhos e comportamentos surreais, a narrativa de *O pequeno príncipe* versa sobre a dicotomia ficção x realidade, uma hesitação diante do que pode ser real ou apenas ilusão, ou seja, a abstrata conjectura para suas questões fundantes quando se busca uma explicação plausível para o fato; primeira: "uma explicação em termos de alucinação individual ou coletiva, de ilusão da imaginação ou mesmo da loucura dos homens", e segunda: "uma explicação que confirma a realidade do acontecimento estranho que não pode encontrar explicação." (LAPLATINE, TRINDADE, 1997, p.32).

Em *O Pequeno Príncipe*, somos tomados pelas fantásticas aventuras do menino que percorre universos e cenários diversos, cujo mundo representado pelo

planeta em que vive salienta a sintonia do personagem com outros seres que existem em seu pequeno mundo e que atua naturalmente em um ambiente que, segundo as leis da natureza, não seria possível semelhante existência. É nesse contexto de imprecisão que o real e o imaginário se vinculam dando vida ao realismo fantástico, representado principalmente pelas ações insólitas do pequeno ser, uma vez que a incerteza dos fatos causa o estranhamento, por isso, o fantástico decorre dessa hesitação e, “ao escolher uma ou outra resposta deixa-se o fantástico para se entrar num gênero vizinho, o estranho ou maravilhoso. O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, em face de um acontecimento aparentemente sobrenatural”, (TODOROV, 2007, p. 31).

Diante desse contexto utópico em que a obra se encontra inserida, observam-se os aspectos sociais presentes nas ações dos personagens, tais como: relações de amizade, a busca de sentido à vida, valores éticos, comportamentos egocêntricos, que não se adéquam à condição de sujeitos humanizados, mas que representam valores e realidade social. As questões sociais aparecem de forma camuflada, disfarçada por uma linguagem ambígua e por um enredo imaginativo.

3.1 Um breve traçado do enredo de *O Pequeno Príncipe*

Narrada em primeira pessoa, a fantástica história de um piloto de avião, inicia-se com o relato do narrador personagem que recorda suas experiências com a arte de desenhar durante a infância, cuja imagem rememorada é a de uma jiboia engolindo um elefante. O narrador apresenta as suas frustrações diante da interpretação que as pessoas faziam de sua arte, uma vez que elas viam apenas a imagem de um chapéu, o que causou estranhamento e decepção ao desenhista a ponto de ele desistir do sonho de ser um pintor profissional.

Ao chegar à vida adulta, o menino inventivo e sonhador, que carregou consigo o desapontamento do modo de como as “pessoas grandes” interpretavam seus desenhos, torna-se aviador e, apesar de ter estudado outras disciplinas e tantas outras coisas, como geografia, por exemplo, demonstra muito amor e gosto pela profissão que exerce. Nesse sentido é possível inferir que o romance se distende a partir de uma experiência vivenciada pelo piloto durante uma pane em seu avião em pleno deserto do Saara. A partir dessa ocorrência inicia-se uma

grande aventura onde o real e o imaginário se urdem em um espaço onde a fantasia toma sua forma como representação da realidade.

Diante do trágico fato ocorrido com seu avião, o piloto não encontra outra saída, se não a de consertar o motor, que não seria uma tarefa fácil e, por causa disso, acabou dormindo sob a areia do deserto. Na manhã seguinte, ao acordar, ouviu uma voz que o pedia para desenhar um carneiro e ficou assustado por encontrar com outro ser vivo, e mais ainda por se tratar de uma criaturinha tão pequena e frágil no meio daquele deserto, distante de qualquer terra habitada. Esse ser minúsculo era o pequeno príncipe, que não parava de insistir para o piloto desenhar o seu carneiro, e depois de várias tentativas, consegue finalmente, o traçado do desenho que mais se aproximava do tão desejado ovino. "Desenha-me um carneiro. -- Então eu desenhei. Ele olhou atentamente e disse: -- Não! Esse já está muito doente. Desenha outro. Desenhei de novo. Meu amigo sorriu paciente: -- Bem vêes que isso não é um carneiro. É um bode... Olhe os chifres [...]" (SAINT-EXUPÉRY, 1943, p.12).

O pequeno príncipe pouco falava de sua origem, mas a busca incessante pelo desenho do carneiro levou-o a proferir seu lugar de origem, dizia vir de um planeta muito pequeno onde havia deixado apenas três vulcões, um deles já extinto; uma rosa, que para ele era única no mundo, havia também, para o desassossego do príncipezinho, os rebentos de baobás que podiam crescer e destruir seu planeta; ele ainda falava de um belo pôr do sol. À medida que iam conversando, surgia uma bonita amizade entre os dois personagens, e mesmo sem entender o que se passava naquele lugar, o piloto se deixou envolver de tal forma que passou a admirar aquele sujeito que, em tão pouco tempo, lhe ensinou coisas simples da vida, por vezes esquecida na vida adulta, a exemplo do pôr sol, que para o pequeno era algo fantástico de se ver, e em seu planeta isso era constante.

No decorrer da conversa, o pequeno príncipe não aceitava que suas perguntas ficassem sem respostas, essa insistência era uma forma de ele se apropriar de novas descobertas, e apesar dessa tenacidade o piloto aprendeu a lidar com o amigo e começou também a questioná-lo sobre o que fazia ali e para onde ia, embora o pequeno não o respondesse de imediato. O que ele gostava mesmo era de falar de sua rosa, do cuidado com os vulcões, e externava a preocupação com os brotos dos baobás que poderiam chegar a destruir seu pequeno planeta, fato que leva o piloto a compreender o sentido do desenho do carneiro para aquele menino.

O mundo de magia e invenção povoa a cabeça do pequeno príncipe que precisa de ovinos para comer os rebentos de baobás, e assim, evitar que o seu pequeno planeta fosse destruído.

No decorrer da narrativa a amizade entre os dois parece ganhar firmeza, permitindo uma abertura da parte do pequeno príncipe para contar suas aventuras pelos planetas que havia percorrido durante sua viagem até a terra. Apesar de o príncipezinho apresentar uma personalidade forte e, em alguns momentos, demonstrar sentimentos de insatisfação e uma busca de sentido para sua existência, traz em sua essência uma atenção especial para aquele que ele encontrou durante sua jornada até voltar ao seu planeta.

O pequeno príncipe contou ao seu amigo piloto que nesse itinerário pelos planetas conheceu diversas realidades: habitantes, que se caracterizavam de forma muito peculiar; um rei, que se achava soberano a todos que se aproximassem dele, mas que na verdade era sozinho, sem nenhum súdito ao seu redor; e em outro planeta, se deparou com um vaidoso, que se satisfazia pelo simples fato de ter quem o admirasse; conheceu também um bêbado, que se embriagava para esquecer que era um alcoólatra, este deixou o pequeno príncipe triste e confuso, por isso dizia que as pessoas grandes eram estranhas. Na verdade, há por trás de todos esses sujeitos singulares uma representação simbólica da fragilidade humana, dos enfrentamentos sobre a conduta do homem em constante embate com ele mesmo e com o outro.

Agora mais à vontade, o menino revela que visitou um empresário assoberbado pelos afazeres e sem tempo para viver a vida, na simplicidade e plenitude que o príncipe acreditava. No percurso da viagem, o pequeno chega a um planeta muito minúsculo, pois havia espaço apenas para um lampião e um homem que era encarregado de ascender e apagar o candeeiro, sua vida se resumia apenas a essa função, outra figura esdrúxula que aparece na trajetória do garoto é um geógrafo que não conhecia nem os próprios pontos geográficos de sua terra.

Por fim, o príncipe chega ao planeta terra onde vive uma bela e expressiva experiência de amizade com uma raposa que lhe proporciona consideráveis reflexões sobre sua existência, considerações que o leva a pensar a vida e, por isso, decide voltar ao seu planeta e encontrar a sua rosa, por quem nutria cuidados e amor. Cabe lembrar que para fazer a viagem de volta, o pequeno príncipe conta com a ajuda de uma serpente que negocia uma viagem calma e sem volta, desde que ele

fosse picado pela mesma. Diante desses fatos, o piloto nunca mais viu nenhum vestígio sobre a existência do pequeno príncipe, que tanto lhe ensinara acerca da realidade e da fantasia.

3.2 O fantástico mundo "real" de *O Pequeno Príncipe*

A figuração do realismo fantástico, no romance *O pequeno príncipe*, consiste em uma possível identificação da realidade a partir da materialidade do enredo fantasioso que, em face desta dicotomia, a história coloca o leitor diante de acontecimentos suscetíveis de questionamentos e incertezas, provocando a hesitação diante do inacabado e inexplicável. Proferido isso, o princípio da compreensão é o de que para a imaginação não existem limites, ela é alicerçada em possíveis e improváveis realidades, pois tudo que está posto pela linguagem quimera pode ser palpável ou não. Todavia, cabe ressaltar que o é real ou irreal na literatura depende muito da posição do leitor, por isso, Todorov (2007, p. 38), lembra que "[...] é precioso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados", ou seja, é preciso que o leitor participe das experiências narradas e perceba a fabulação literária como estratégia para se pensar a realidade.

O enredo coloca o leitor diante das experiências desagradáveis do aviador, personagem do romance *O Pequeno Príncipe*, com as tentativas de conseguir um desenho durante a sua infância. Logo nos primeiros parágrafos identifica-se uma narrativa de memória, uma história contada por quem viveu as frustrações e traumas provocados pelas interpretações equivocadas de algumas pessoas para as quais ele mostrava seus desenhos. Observa-se, também, que a desacertada compreensão dos esboços das jiboias, é ocasionada pela falta de sensibilidade e a maneira superficial com que julgavam a figura, enxergando apenas a aparência e não a essência. Percebermos uma crítica ao comportamento das "pessoas grandes", o modo insensível com que se referem às coisas simples, reflexo de uma sociedade que visa apenas à aparência, somente o que está posto, sem atentar às outras possibilidades diante do inacabado, como podemos constatar no trecho abaixo:

Mostrei minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei se meu desenho lhes dava medo. Responderam-me: 'Por que um chapéu daria medo?' Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jiboia digerindo um elefante. Desenhei então o interior da jiboia a fim de que as pessoas grandes pudessem entender melhor. Elas têm sempre necessidades de explicações detalhadas. As pessoas grandes aconselharam-me a deixar de lado os desenhos de jiboias abertas e fechadas e a dedicar-me de preferência à geografia, à história, à matemática, à gramática. (SAINT-EXUPÉRY, 1943, p.8)

À medida em que relata suas memórias, o piloto reprova o modo como às pessoas analisavam a gravura, como se não dispusessem da capacidade de imaginar ou perceber elementos que as levassem a outras conclusões. Por isso, depois de muitos anos volta a mostrar a mesma imagem, talvez, para comprovar a fragilidade das relações humanas, sobretudo no que diz respeito às formas de como as pessoas veem o outro, e de como se estabelecem os vínculos efetivos. Dito isto, é possível perceber que o personagem constata a necessidade de se colocar no campo da ideologia do outro para evitar mais conflito:

Desta forma ao longo da vida, tive vários contatos com muita gente séria. Convivi com pessoas grandes. Vi-as bem de perto. Isso não mudou minha opinião. [...] fazia a experiência do meu desenho número 1, que sempre conservei comigo. Eu queria saber se ela era na verdade uma pessoa inteligente, mas a resposta era sempre a mesma: "É um chapéu" Então eu não falava nem de jiboias, nem de florestas virgens nem de estrelas. Colocava-me no seu nível. Falava de bridge, de golfe, de política, de gravatas. E a pessoa grande ficava encantada de conhecer um homem tão razoável. (SAINT-EXUPÉRY, 1943, p.9)

O piloto se decepciona com a reação das "pessoas grandes", que julgavam ser sérias e inteligentes, mas não eram capazes de compreender um simples desenho. Podemos aqui perceber que o autor, provavelmente, utiliza-se da expressão "as pessoas grandes" como representatividade de um agrupamento social arraigado por um comportamento indiferente e egocêntrico, sentimentos que fazem parte da condição humana e, de um modo específico, de como o homem vê a vida, isto é, apenas em sua materialidade sem nenhum valor emocional, fabuloso e afetivo. Sobre essa questão, Bandeira destaca que:

Romper o modo convencional de perceber e de julgar [...] E faz ver às pessoas o mundo com olhos novos ou descobrir novos aspectos deste. De quando em quando, ela pode dar-nos uma consciência mais ampla dos sentimentos profundos, ignotos, que formam o substrato do nosso ser, ao qual bem raramente acedemos; porque a nossa vida é, em geral, uma contínua evasão de nós mesmos e do mundo visível e sensível. (BANDEIRA, *apud* BOSI, 2003, p.31).

Desse modo, encontramos em *O Pequeno Príncipe* um enredo que encanta, diverte, emociona e leva a refletir, pelo seu traço fabuloso, mas que também denuncia, manifesta o seu carácter reflexivo, e enquanto construção de pensamentos instrui e adverte por meio de algumas questões sociais que estão postas no íterim do enredo. Sobre as relações sociais interpostas na obra literária e a funcionalidade desta sobre o homem, Candido lembra que:

Nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que consideram prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 1995, p.177).

Considerando o exposto, podemos afirmar que Candido reconhece a literatura como um dos instrumentos que interfere e contribui no desenvolvimento do homem, enquanto sujeito exposto a um constante processo de formação, no que se reporta ao âmbito educacional, de transformação enquanto indivíduos capazes de construir pensamentos e aprimorar seus conhecimentos. A literatura atua como esse meio que possibilita o aprendizado, a reflexão, um repensar no que diz respeito aos valores estabelecidos pela sociedade e que por vezes revelam-se presentes nas mais variadas expressões do meio fictício.

No decorrer do enredo observamos aspectos que constam a presença do real e o imaginário, que configuram o realismo fantástico, e este se torna visível no diálogo estabelecido entre o piloto e o pequeno príncipe sobre o desenho do carneiro. Na passagem do enredo, abaixo citada, o imaginário manifesta-se a partir do contexto fantasioso em que se insere o pequeno viajante, o mesmo necessita de

um carneiro para comer os brotos de baobás que possam invadir todo o seu pequeno planeta:

_ “Por favor, desenha-me um carneiro!”.

_ O quê?

_ “Desenha-me um carneiro.”.

[...] “Mas lembrei-me, então, de que eu havia estudado principalmente geografia, história, matemática e gramática, e disse ao pequeno visitante (com um pouco de mau humor) que eu não sabia desenhar. Respondeu-me: _ Não tem importância. Desenha-me um carneiro.” (SAINT-EXUPÉRY, 1943, p.9-10).

O diálogo transcorre à medida que o ser real, o piloto, e o ser imaginário, o pequeno viajante, se contornam a partir de realidades distintas, nesse encontro a inventividade de um cenário surreal é legitimada com a existência do pequeno príncipe e a sua ingenuidade, em se dar por satisfeito com o figurativo desenho do ovino, expressando o aspecto imaginário e ao mesmo tempo a experiência do piloto que afigura como espaço "real". Neste espaço é possível inferir a real existência do pequeno príncipe, dado que, foi naquele primeiro amanhecer, na areia fria do deserto que surgiu o menino de cabelos dourados. Contudo, é preciso levar em consideração que até certo ponto da narrativa só existe a fala do piloto, como situação concreta, no entanto é a partir daquele acordar que o mundo do pequeno príncipe passa a existir ou, a ser conhecido, segundo os relatos do piloto:

Na primeira noite adormeci sobre a areia, a quilômetros e quilômetros de qualquer terra habitada. Estava mais isolado que um náufrago num bote perdido no meio do oceano. Imagine qual foi a minha surpresa quando ao amanhecer, uma vozinha estranha me acordou... Levantei-me num salto como se tivesse sido atingido por um raio. Esfreguei “bem os olhos e olhei ao meu redor e vi aquele homenzinho extraordinário que me observava seriamente.” (SAINT-EXUPÉRY, 1943, p.9-10).

A descrição da existência do pequeno príncipe nos leva ao entendimento de estarmos diante de uma literatura fantástica, de sonho, devaneio e de ilusão que se categoriza como fantasia, embora, uma leitura mais atenta nos conduza à concretude de uma relação direta com o nosso mundo habitual, comum à vida humana. Em *O Pequeno Príncipe*, um menino surge misteriosamente como algo místico de onde não se consegue obter explicações, contudo, sua aparência e

incorporação física, como também, seus atos e ações se caracterizam como as de qualquer outro ser humano, conforme podemos constatar nas palavras do narrador:

Olhava para aquela aparição com olhos arregalados de espanto. Ora o meu pequeno visitante, não nem parecia perdido, nem morto de fadiga, nem morto de fome, de sede ou medo. Não tinha absolutamente a aparência de uma criança perdida no deserto, a quilômetros e quilômetros de qualquer região habitada. Quando finalmente consegui falar, perguntei-lhe: Mas que fazes aqui? “E ele repetiu então, lentamente como se estivesse dizendo algo muito sério: Por favor, desenha-me um carneiro” [...] Quando o mistério é impressionante demais, a gente não ousa em desobedecer” (SAINT-EXUPERY, 1943, p.10).

Nesse contexto, a literatura cria e recria, constrói mundos reais e imaginários, desperta a fantasia, aflora a imaginação e permite-nos viver o mundo fantasioso que há em nossa psique, e nesse processo de incertezas e do inacabado é que desconfiemos da presença do fantástico na obra. Na tentativa de definir o fantástico, Todorov pondera que:

Somos assim transportados ao âmago fantástico. Num mundo que é exatamente o nosso, aquele que concebemos, sem diabos, sílfides nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão de sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser quem são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é parte integrante da realidade, mas nesse caso esta realidade é regida por leis desconhecidas para nós. (TODOROV, 2007, p.3)

É nesse cenário misterioso que surge o pequeno príncipe e o seu mais novo amigo, o piloto, que se encontrava completamente envolvido por aquele acontecimento inédito, e tentar descobrir de onde veio aquele menino, que pouco falava de si, e do mundo que habitava. Contudo, aos poucos, a narrativa vai fornecendo pistas sobre o espaço e estado saudosista do pequeno garoto, que desejava insensatamente o desenho de um carneiro, “Não! Não! Eu não quero um elefante numa jiboia. A jiboia é perigosa e o elefante toma muito espaço. Tudo é pequeno onde eu moro. Preciso é de um carneiro.” (SAINT-EXUPERY, 1943, p.10). Inúmeras perguntas eram feitas pelo piloto, indagando-o sobre seu mundo, mas o

pequeno não respondia, parecia não querer falar de sua história, no entanto demonstrava preocupação e afeto, com o que tinha deixado para traz.

Identifica-se nas atitudes do pequeno príncipe uma profunda conduta que se refere a valores, comportamentos éticos e morais, que o caracteriza como discreto, sóbrio e sério, mas, ao mesmo tempo, como algo abstrato que imita a consciência do ser humano, com o intuito, talvez, de provocar uma reflexão sobre o modo de ser e agir no mundo, a partir de suas relações com outro. Desta feita, é a partir da relação do leitor com a obra, que será possível pensar situações sobre a própria realidade, pois "a fantasia quase nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade [...]. Eis por que surge a indagação sobre o vínculo entre fantasia e realidade, que pode servir de entrada para pensar na função da literatura" (CANDIDO, 1972, p. 83).

A expectativa pelo mundo fantástico do pequeno príncipe se intensifica, aos poucos e, naturalmente, o pequeno infante revela de onde vem, o que busca e para onde quer seguir. Em uma das conversas com seu amigo, finalmente, ele sinaliza o lugar de onde veio, "então tu também vens do céu! De que planeta tu és? Dizia o piloto: - vislumbrei um clarão no mistério de sua origem, e perguntei repentinamente: - Tu vens, então, de outro planeta?" (SAINT-EXUPÉRY, 1943, P.14). Mas seu amigo misterioso nunca falava, como se a pergunta fosse algo tão óbvio que não precisasse de resposta. Mesmo assim, o piloto não se dava por satisfeito e buscou encontrar alguma explicação para a concretização do mundo imaginário do príncipezinho.

Tenho sérias razões para supor que o planeta de onde viera o príncipe era o asteroide B 612. Esse asteroide só foi visto uma vez ao telescópio em 1909, por um astrônomo turco. Ele fizera na época uma grande demonstração da sua descoberta, num congresso internacional de astronomia. Mas ninguém lhe dera crédito por causa das roupas típicas que usava. As pessoas grandes são assim. (SAINT-EXUPÉRY, 1943, p.17)

O realismo fantástico se faz presente em praticamente toda a narrativa, o seu desenrolar nos conduz a um mundo irreal, marcado por situações fabulosas. Nesse sentido, podemos identificar o fantástico, também, nos asteroides citados pelo personagem, classificando-se como um fato "real" a partir do contexto factual dos seres humanos, isto é, há uma explicação concreta das existências desses

asteroides, no entanto, afirmar que o planeta de onde viera o pequeno príncipe era justamente o asteroide denominado B 612, e que lá poderia haver vida, logo, essa afirmação caracteriza-se como inventividade ficcional, assim o real e imaginário se entrecruzam, resultando no que chamamos de realismo fantástico.

Ainda neste último fragmento citado pelo enunciador, podemos constar uma posição crítica, em relação ao preconceito que há em nossas relações sociais. O próprio alude à história do astrônomo turco, que não obteve êxito na exposição de sua pesquisa, simplesmente pelo modo como se vestia e por causa do preconceito estabelecido e regido por padrões sociais, de uma sociedade superficial, que julgam o outro pela sua aparência física, classe social, etc. Segundo o enunciador: "Ele fizera, na época, uma grande demonstração da sua descoberta, num congresso internacional de astronomia. Mas ninguém lhe dera crédito, por causa das roupas típicas que usava. As pessoas grandes são assim." (SAINT-EXUPERY, ano, p.17).

Contudo, esta análise não se limita a suposições em relação às intenções do autor, mas, sobretudo, é nosso propósito levar em consideração os efeitos, reações e interpretações provocadas no leitor, mediante o contato com a obra. É importante ainda ressaltar que o autor enquanto enunciador personagem, pessoa real, torna-se um intérprete fictício, e este, o faz participar da narrativa, por conseguinte: "Na ficção narrativa desaparece o enunciador real. Constitui-se um narrador fictício que passa a fazer parte do mundo narrado, identificando-se por vezes com um ou outra das personagens [...]" (CANDIDO, 2005, p.26), o leitor passa a integrar o mundo dos personagens. Outro aspecto importante a ser destacado é o modo como o narrador se porta diante dos questionamentos, em dar explicações iguais às "pessoas grandes", por isso ele se preocupa em obter razões concretas para que acreditem na existência do seu novo amigo: o príncipezinho, nisto menciona a maneira externa e mecânica com que as "pessoas grandes" se dirigem a uma pessoa desconhecida:

Quando a gente fala de um novo amigo, as pessoas grandes jamais se interessam em saber como ele realmente é. Não perguntam nunca: "Qual é o som de sua voz? Quais os brinquedos que prefere? Será que ele coleciona borboletas"? Mas perguntam: "Qual é sua idade? Quantos irmãos têm? Quanto pesa? Quanto seu pai ganha?" Somente assim é que elas julgam conhecê-lo. (SAINT-EXUPERY, 1943, p.17).

Podemos observar que o narrador personagem faz uso de uma linguagem espontânea e inocente, que expressa sentimentos esquecidos no âmbito da vida

adulta. O mesmo ainda cita o exemplo da bela casa de tijolos cor-de-rosa, que incita-nos a refletir a maneira como enxergamos as coisas materiais, por exemplo: "Se dizemos as pessoas grandes: "Vi uma bela casa de tijolos cor-de-rosa, gerânios na janela, pombas no telhado..." elas não conseguem de modo algum, fazer ideia da casa. É preciso dizer-lhes: "Vi uma casa de seiscentos mil reais." Então elas exclamam: Que beleza!" (SAINT-EXUPERY, 1943, p.18)

Em *O Pequeno Príncipe*(1943) o narrador personagem assume o papel de provocar alguns questionamentos, ainda que de forma indireta e através de toda alegoria que apresenta o enredo. Saint-Exupery desvela-se em sua obra de ficção realidades da condição humana, suas crises existenciais, anseios e conflitos em nossa relação com o outro. Desse modo, vemos que a literatura exerce uma ação sobre o indivíduo, e que ela se apropria como uma das modalidades da ficção que pode propiciar o repensar sobre sua própria realidade. Em relação a isso, Candido afirma que a literatura:

Serve para ilustrar em profundidade a função integradora e transformadora da criação literária com relação aos seus pontos de referência na realidade. "Ao mesmo tempo, a evocação dessa impregnação profunda mostra como as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo subconsciente e inconsciente, operando uma espécie de inculcamento que não percebemos". (CANDIDO, 1972, p.805).

Podemos perceber que Candido apresenta a literatura como artifício que integra e transforma o sujeito, no que se refere aos aspectos sociais, pontuados na criação literária e que refletem a uma determinada realidade. De modo que essa ação exercida sobre o indivíduo pode acontecer de forma natural, ciente ou não; a literatura exerce seu papel formador e transformador na sociedade bem como nos indivíduos que nela estão inseridos.

Outro fato que conduz o piloto a reconhecer, na narrativa, o real mundo fantástico do pequeno príncipe é o drama dos baobás, e ainda o desenho do carneiro, pois aquele menino de cabelos dourados, parecia angustiado como se tivesse que resolver um problema. O príncipezinho também se definia por ser muito inteligente e, portanto, preocupava-se bastante com coisas que para ele eram muito importantes. Em seus relatos afirmava cuidar atentamente, todas as manhãs, das sementes que nasciam, certificando-se que não eram os perigosos rebentos de baobá, por isso dizia que:

- É uma questão de disciplina - disse mais tarde o príncipezinho -- Quando a gente acaba a higiene matinal, começa a fazer com cuidado a higiene do planeta. É preciso que nos habituemos a arrancar regularmente os baobás logo que se diferenciam das roseiras, com as quais muito se parecem quando pequenos. É um trabalho sem graça, mas de fácil execução. (SAINT-EXUPÉRY, 1943, p.22)

As atitudes e ações do pequeno viajante correspondem a uma postura ética e consciente, de valores morais, tais como: responsabilidade, cuidado e respeito, por sua vez, estas atuações refletem positivamente na relação do eu com o outro. Com isso, constatamos na obra uma possível pretensão de provocar uma reflexão sobre as questões sociais que envolvem o sujeito e sua condição de ser e estar no mundo. No entanto, sabemos que a complexidade e entendimento dessas questões dentro do enredo estão postas de forma velada, pois o enredo confabula diretamente com a engenhosidade e inspiração fantasiosas. Para isto, é preciso uma interpretação mais assídua para perceber todo o viés das questões sociais e de humanização, bem como as relações afetivas, para não correr o risco de qualificar a obra apenas como um livro singelo e pueril, não obstante o seu poder encantador para o público infante, mas ressaltando a sua categoria como texto reflexivo, e seu alto poder de questionamento sobre determinadas realidades de nossa conduta humana.

Quanto aos espaços que compõe o cenário fantasioso na narrativa, o enunciatador descreve com muita atenção, dando ênfase a realidade de um espaço que se materializa no abstrato imaginativo de seus relatos, estes ganham forma e se caracterizam pelo fantástico, levando-nos a compreender o mundo do pequeno príncipe, onde existe a fragilidade da ameaça do perigo, no caso os baobás, descritos como monstruosas árvores que poderiam por fim no minúsculo planeta do príncipezinho. A figuração dos baobás é muito representativa dentro de um contexto de guerra que ameaça e aniquila o homem de forma impiedosa. O cuidado com o local em que habita, a busca pelo equilíbrio na relação dos seres que também habitam no seu mundo, são questões percebidas no enredo como valores essenciais para uma convivência harmoniosa e pacífica, em meio ao um mundo de grande diversidade. Salientamos esses aspectos como referência de humanização que estão postas no linear da narrativa, através da invenção figurativa da obra *O Pequeno Príncipe*, que revela a necessidade da presença do outro em sua vida:

Mas com certeza nós, que compreendemos o significado da vida os números não tem tanta importância! Gostaria de ter começado esta história como nos contos de fada. Gostaria de ter começado assim: “Era uma vez um pequeno príncipe que habitava um planeta pouco maior que ele, e que precisava de um amigo (SAINT-EXUPÉRY, 1943, p.18)

É importante ressaltar que o autor, enquanto enunciador personagem, pessoa real, torna-se um intérprete fictício. Para dialogar com o leitor, o narrador volta a fazer relato de seus sentimentos pessoais, agora não mais por causa dos seus desenhos de infância, mas pela falta da amizade do príncipezinho que supostamente voltou para o seu planeta de origem, “para aqueles que compreendem a vida isso parecia sem dúvida, muito mais verdadeiro. Não gosto que leiam meu livro superficialmente. Dá-me tanta tristeza narrar estas lembranças! Já faz seis anos que meu amigo se foi carneiro.” (SAINT-EXUPÉRY, 1943, p.18).

No relato, o piloto refere-se ao amigo como fato concreto, ocorrido em um determinado tempo e espaço, afirmando sua real existência, mesmo diante do mistério que circunda a história do pequeno príncipe como fabulosa e fantástica. Mesmo assim, ainda prevalece a incerteza diante do fato narrado, no qual o leitor se vê obrigado a duvidar dos acontecimentos, conforme lembra Todorov:

O fantástico se fundamenta essencialmente numa hesitação do leitor [...] -- quanto à natureza de um acontecimento estranho. Esta hesitação pode se resolver seja porque se admite que o acontecimento pertença à realidade; seja porque se decide que é fruto da imaginação ou resultado de uma ilusão; em outros termos, pode-se decidir se o acontecimento é ou não é. Por outro lado, o fantástico exige certo tipo de leitura: sem o que, arriscamos a resvalar ou para alegoria ou para a poesia. (TODOROV, 2007, p.166).

À medida que o leitor se integra no mundo dos personagens ele vai percebendo como os elementos constituintes da narrativa se cruzam para atribuir sentido ao enredo. Destacamos, portanto, que o espaço, configurado pela imensa galáxia, aparece como pano de fundo para a constituição do fantástico no romance *O Pequeno Príncipe*, emergindo como elemento representativo do universo fantástico da narrativa dentro de um jogo de artefatos sociais que se contrapõem com as metáforas e as formas de como o autor concebe uma história fantasiosa, mesclando gente e bichos, para denunciar um período de guerra povoado de medo, silêncios e perdas, mas de sonhos e esperanças de retorno à normalidade da vida.

Assim, a personagem do pequeno príncipe atua como contradição a estes artefatos infundidos em nossa sociedade, à vista disso, compreende-se a literatura não como um fiel retrato da realidade humana, mas como construção e representação do pensamento e das experiências vividas em sociedade, bem como a situação histórica e social, que o texto foi produzido. Para salientar nossa perspectiva Francine pondera que:

A literatura não é espelho do mundo social, mas parte constitutiva desse mundo. Ela expressa visões de mundo que são coletivas de determinados grupos sociais. Essas visões de mundo são informadas pela experiência histórica concreta desses grupos sociais que as formulam, mas são também elas mesmas construtoras dessa experiência. Elas compõem a prática social material desses indivíduos e dos grupos sociais aos quais eles pertencem ou com os quais se relacionam. Nesse caso, analisar visões de mundo e ideias transformados em textos literários supõe investigar as condições de sua produção, situando seus autores histórica e socialmente. (FRACINE, 2004, p.25).

É importante ressaltar que as colocações aqui postas, em relação às condutas das personagens partem de uma interpretação específica do leitor, uma vez que o mesmo se identifica com a personagem, pois sabemos que de um mesmo texto podem surgir diversas interpretações, a partir do ponto de vista de cada leitor que dialoga com os personagens, já que “o fantástico implica, pois uma integração do leitor no mundo das personagens; define-se pela percepção ambígua que tem o próprio leitor dos acontecimentos narrados” Todorov (2007, p. 37), o fenômeno fantástico se dá nessa integralização do leitor com os personagens.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilitou considerar o fantástico como uma possibilidade de leitura do romance *O Pequeno Príncipe*, de Saint-Exupery, atestando, de algum modo, que o fantasioso se configura como elemento expressivo na narrativa para disfarçar uma realidade corrente do contexto da Segunda Guerra Mundial, na qual os sujeitos eram submetidos às diversas formas de segregação de direitos. O autor se vale de uma criatividade e coloca um embate entre dois mundos diferentes dos “sujeitos grandes” e das “crianças”, além de trazer para a literatura a fabulação que envolve os animais e suas histórias inusitadas, contadas por narrador que se apresenta também como incomum dentro de um espaço também incomum.

Partimos do pressuposto, homologados pelo crítico literário Antonio Candido, de que há uma estreita relação entre literatura e os movimentos sociais, visto que no ato da criação artística o autor se veste de experiências contextuais e transforma em objeto de arte. No caso específico do romance em análise, Saint-Exupery confabula sua própria experiência, considerando a relação do mesmo com o universo da aviação. Contudo, como forma de camuflar o realismo em *O Pequeno Príncipe*, o autor recorre ao fantástico como forma de forçar o leitor a descobrir o que há por trás das metáforas e da inventividade no modo de como ele constrói os personagens e suas ações por meio de uma linguagem simbólica e alegórica.

O fantástico no romance que foi objeto de estudo desta pesquisa reside exatamente no inacabado, na incerta do leitor diante de fatos fabulosos diante dos quais o leitor vive momentos de pura hesitação por não encontrar uma explicação plausível para acontecimentos estranhos e inventivos. Desta feita, entendemos que por se tratar de uma obra mais direcionada para o universo da criança, a brincadeira e a magia ganha força fora da possibilidade de se estabelecer um diálogo com o externo, ou seja, como um contexto que revela as situações-limite do homem num contexto de guerra, cuja tônica é denunciar e criticar as dificuldades em lidar com os conflitos internos e estabelecer as relações sociais dentro dos espaços hierarquizados, que só o leitor adulto sabedor do contexto de produção da narrativa conseguirá atribuir outros sentidos que não o da fantasia, mas, e, sobretudo, o de uma realidade de guerra onde às pessoas precisavam se preservar para manterem-se vivas nos espaços confinados e dominados pela força do poder e do controle.

Espera-se que as discussões apresentadas neste trabalho sirvam como base para novas investigações acerca das temáticas abordadas, e por sua vez, contribua no sentido de ampliar a construção do pensamento crítico do leitor, e mais do que isso, que sejam levantadas outras questões que possam ajudar a compreender a obra a partir do realismo fantástico, sem desconsiderar outras possibilidades de leitura que versam sobre outros temas em *O Pequeno Príncipe*.

IMAGINÁRIO E REALISMO FANTÁSTICO EM SAINT'EXUPÉRY:
ASPECTOS DE VALORES EXISTÊNCIAIS E HUMANIZAÇÃO NA OBRA O
PEQUENO PRÍNCIPE.

ABSTRACT

This work has as objective to discuss some social aspects in the work of the Little Prince, French writer Antonie de Saint-Exupéry, considering the issues of existential values and humanization of the dichotomy between fantasy and reality. The methodology used for the construction of this study was to bibliographical and descriptive research with qualitative and analytical. The proposal is the literature as a binding instrument of human thought and social frameworks from the imaginary and fantastic realism present in this novel. For this, the fundamentamos in conceptions of Candido (2007), Todorov (2007), Eliade (2007) among others. The final result of the research points to a universe of questions about human existence itself and the conflicts of interpersonal relationships experienced by the characters, metaforizados by a subjective language, creative and revealing of dreams, fantasies and realism.

Keywords: Fantastic. Realism. Social aspects. Humanization.

REFERÊNCIAS

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 3. Ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

CANDIDO, Antônio. “**O direito à Literatura**”. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. **A literatura e a formação do homem**. In: **Ciência e cultura**. São Paulo, 1972.

_____. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Tradução de PolaCivelli. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FACINA, Adriana. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

SAINT-EXUPÉRY, Antonie de, 1900-1944 **O Pequeno Príncipe**/ Antonie de Saint-Exupéry : com Aquarelas do autor; tradução de Dom Marcos Barbosa. -48. Ed.- Rio de Janeiro: Agir, 2009.

TRINDADE, Iliana Sálvia, 1941- **O que é imaginário**. São Paulo; Brasiliense, 1997.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2007.